

Frigotto, Gaudêncio (Org.). **Educação e Crise do Trabalho** — Perspectivas de Final de Século. Petrópolis: Vozes, 1998.

Por Paulo Henrique de Queiroz Nogueira¹

O livro apresenta oito autores afinados com os estudos do complexo temático Trabalho e Educação e que se propuseram a responder aos dilemas e desafios enunciados no título. O livro em questão é assinado pelos seguintes nomes: **Gaudêncio Frigotto** (organizador e apresentador), **Acácia Kuenzer**, **Pablo Gentili**, **Maria Ciavatta Franco**, **Miguel G. Arroyo**, **Paolo Nosella**, **Lia Vargas Tiriba**, **Tomas R. Villasante** — mantêm-se a relação conforme esses aparecem na coletânea, da postulada por **Frigotto**, pois ela obedece a um caráter de agrupamento temático favorável à compreensão da obra.

O título, ao mesmo tempo que reconhece as mudanças ocorridas na organização produtiva e sua incidência nos processos formais e não formais de educação, propõe aos pesquisadores do campo e aos leitores um repensar efetivo sobre essas questões. Um indicativo preciso, como afirma o apresentador do livro, é o fato de que “seis dos oito textos foram debatidos na vigésima reunião Anual da ANPEd, sendo que os dois primeiros textos foram encomendados para um balanço crítico do campo teórico da área” (p.16).

O conjunto dos textos guarda, portanto, uma íntima conexão entre as transformações produtivas e as inquietações existentes no interior do Grupo de Trabalho (GT) que congrega os pesquisadores da área na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). É inegável, no caráter instigador dos escritos e das formulações contidas, a ampla variedade de posição dos debatedores a respeito dos temas em questão. Estes foram agrupados a partir das suas vinculações mais imediatas e, em certos casos, formais. Essa vitalidade dos textos é um grande provocador para o debate proposto. O leitor pode livremente remeter sua análise a uma outra organização temática e estabelecer conexões não explicitadas por **Frigotto**, nem aqui apontadas.

Seguir-se-á as indicações já contidas na apresentação, pois cumpre-se, dessa forma, o objetivo dessa resenha de descrever a escrita a partir de uma leitura imanente e analítica, mas não problematizadora do texto.

¹ Mestrando em Educação na FaE/UFMG e Professor da Rede Municipal de Belo Horizonte.

Os dois primeiros artigos — de autoria de **Gaudêncio Frigotto** e **Acácia Kuenzer** — possuem como balizador um retorno à vinculação do campo ao eixo teórico privilegiado por esse: a filosofia marxiana da práxis posta pela postulação do trabalho como princípio educativo, ou, se quisermos, o materialismo histórico. Para além da pecha de revisionismo, o que buscam esses autores é a compreensão das proposições de Marx e sua vitalidade na análise dos fenômenos contemporâneos de reestruturação produtiva, novas demandas por educação de trabalhadores e outros complexos temáticos concernentes ao último quartel do século XX.

O segundo par de textos da coletânea — de **Pablo Gentili** e **Maria Ciavatta Franco** —centra-se “na análise da relação entre educação, formação profissional e a questão do desemprego e trabalho incerto” (p.17). O primeiro privilegia uma macro-análise e focaliza o tema no fim da acumulação de capital iniciada no pós-guerra — término da era de ouro do capitalismo. O segundo desloca o recorte para o estudo analítico do crescimento do conhecimento e da capacidade tecnologia de produzir riqueza em paradoxo com o aumento da miséria da “classe-que-vive-do-trabalho”. E o faz tomando como objeto a entificação dessas relações no interior de três países: Brasil, Itália e México.

Os dois textos seguintes — de **Miguel G. Arroyo** e **Paolo Nosella** — circunscrevem suas análises entorno da práxis educativa/pedagógica. **Arroyo** provoca uma reflexão sobre os limites das contribuições do GT à prática pedagógica ampliada, como também inverte a pergunta ao indagar como o GT se posiciona diante das interpelações que atravessam o fazer educativo. **Nosella** recupera a trajetória ideológica desses fazeres que são expressas nas orientações mais gerais que dominam a cena política educacional do Brasil. Assim, a escola republicana, a populista e a que se gesta neste final de século se vêem analisadas pelo autor, que ousadamente anuncia suas discordâncias acerca das análises hegemônicas ao tematizar o neoliberalismo denominando-o de “imbróglho liberal” (184-187).

Os últimos dois textos - de **Lia Vargas Tiriba** e **Tomas R. Villasante** — visam, diante da crise instalada, recompor um caminho que seja estratégico no reordenamento social favorável à classe trabalhadora. A partir da experiência de organizações econômicas populares (OEP), a autora elabora um estudo das novas formas sociais criadas no seio do movimento popular e que objetivam a geração de renda e trabalho. Ela analisa os limites, impasses e contradições do trabalho não-assalariado, predominante nessas organizações, terminando por inferir a emergência possível de uma nova cultura do trabalho ainda não de todo investigada. Já o segundo autor busca revelar, sob a idéia do caos vivido, os desatinos teóricos e práticos que só paralisam o tecido social, impedindo a sua organização. Pleiteia a

necessidade de se rearticular as redes sociais em torno a uma práxis reflexiva e eminentemente ética (228 — 229).

Por fim, vale a pena transcrever um trecho da apresentação do livro, em que **Frigotto** aponta o valor dessa publicação:

“Trata-se de uma coletânea que busca interlocução com um amplo conjunto de sujeitos desafiados a entender as determinações históricas que conformaram uma realidade social desigual, excludente e, ao mesmo tempo, de buscar construir alternativas sociais de caráter igualitário, solidário ou socialista. Estas alternativas implicam necessariamente a capacidade de ampliar a esfera pública democrática e garantir, nesta esfera, o direito à educação e à formação técnico-profissional, o direito à saúde, à cultura e ao lazer, o direito a aposentadoria, e, cada vez mais, o direito ao trabalho e remuneração dignos” (p.22)